



ESPERANÇA



(Coleção Antídotos para o Inferno, II)

ESPERANÇA



Outubro 2025

Sumário:

Introdução	i
Círculo da Luxúria	1
Círculo da Gula	5
Círculos da Ira e da Violência	10
Círculo da Traição	17
Orgulho	22

"E saindo ali, revimos as estrelas" - Agarrar-se a
toda a Esperança

Esta antologia resulta do trabalho realizado na oficina cartonera "Antídotos para o Inferno: Esperança", organizada pela EVA Cartonera, em colaboração com o Serviço Educativo do Bairro dos Museus de Cascais, de 18 a 25 de outubro de 2025 na Casa das Histórias Paula Rego.

A oficina integrou o ciclo "Antídotos para o Inferno", um conjunto de 5 ateliês desenhado para refletir sobre a obra de Paula Rego, Ana Torrie e Paulo Carneiro a partir de uma dupla de conceitos: o veneno e a cura, como verso e reverso de uma mesma realidade e não enquanto ideias antagónicas.

No livro que agora apresentamos, subimos para a barca de Virgílio e seguimos pelos seis Círculos do Inferno descritos por Dante, relacionando-os com as obras de Ana Torrie patentes na exposição "O Inferno são os Outros", na Casa das Histórias Paula Rego, entre 15 de maio e 26 de outubro de 2025.

As peças desta exposição organizam-se em seis portais que Ana Torrie faz corresponder aos Círculos do Inferno. Os participantes da oficina foram desafiados a atravessar instintivamente um dos portais e, junto da peça de Torrie correspondente a esse portal, selecionar e ilustrar um dos textos sugeridos para esse Círculo.

A natureza dos textos - que são, na sua maioria, passagens de contos tradicionais, mitos, poemas e fábulas - confere-lhes o poder de serem em paralelo com os portais/peças da exposição e em si mesmos, simultaneamente um portal para o desconhecido e um ponto imóvel entre o passado e o futuro (Campo, 2024), guiando o Leitor numa viagem de autodescoberta.

A Esperança é o tema transversal a este conjunto de textos. Contrariando a famosa inscrição de entrada no Inferno de Dante - "Abandonai toda a esperança", selecionámos escritos que falam da Esperança no imprevisível e da convicção de podermos ser salvos contra todas as hipóteses.

Abraçar a Esperança no Inferno de Torrie tem, a nosso ver, todo o sentido, porque, por um lado, esta virtude é em si mesma uma figura dialética, que nasce do desespero, da negatividade, pelo que quanto mais profundo é o desespero, mais intensa é a Esperança (Han, 2024). Por outro lado, ao seguir com Dante na barca de Virgílio, é certa a impermanência no Inferno e é nessa certeza que nasce a Esperança que guia na travessia.

Com efeito, a Esperança é um movimento de procura, que aqui fazemos corresponder à própria travessia do Inferno, fazendo eco das palavras de Nietzsche: "A esperança atravessa a corrente no seu ponto mais perigoso e indomável, com terna e graciosa audácia".

O desafio criativo da oficina e o poder deste livro como objeto mágico dela resultante foi, assim, partir do desespero enquanto polo negativo da Esperança, refletindo sobre essa negatividade, para atravessar a corrente "em direção às estrelas" não de forma isolada, mas na dinâmica do grupo, munidos das peças de Torrie e dos textos selecionados para com elas se relacionarem.

A cada portal/peça de Ana Torrie associámos uma passagem de "A Divina Comédia", de Dante Alighieri, e bem assim um excerto de conto, poema ou mito alusivos a cada Círculo.

A correspondência entre os Círculos do Inferno de Dante, as peças de Ana Torrie e os textos que constituem esta antologia é a que se segue:

- Portal Vermelho | Círculo da Luxúria

<p>Ana Torrie Viagem ao Centro da Terra, 2020</p> 	<ul style="list-style-type: none">• "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto V (14,15,17).• Conto "Os sapatinhos vermelhos", de Hans Christian Andersen.
---	---

A peça deste portal é a "Viagem ao Centro da Terra", uma obra composta por círculos concêntricos que rodam sobre si mesmos, impulsionados por ventos de fogo.

É a cor do portal e os elementos da peça que nos levam a crer que estamos no segundo Círculo do Inferno, no Vale dos Ventos onde penam os luxuriosos, atormentados por remoinhos incessantes, que os arrastam com violência.

Escolhemos iniciar aqui a nossa travessia, pois, sendo o pecado da Luxúria dos menos graves, Dante o coloca nos anéis mais externos do Inferno.

- Portal Azul | Círculo da Gula

Ana Torrie

Nós, as filhas da lama



- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto VI (12, 13, 18).
- Conto tradicional de Macau "As mãos de Lam Seng".

Na peça "Nós, as filhas da lama", as figuras que se afogam na lama levam-nos ao terceiro anel do Inferno de Dante onde se situa o Lago da Lama, em que os gulosos se atolam numa lama suja e espessa, imersos no próprio vômito.

- Portal Castanho | Círculos da Ira e da Violência contra o Próximo

Ana Torrie
Feras e Fúrias



- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto I (11-12, 15-18).
- Poema "O tigre", de William Blake.
- Conto tradicional "O Barba Azul", de Charles Perrault.

A peça "Feras e Fúrias" convoca várias personagens e locais do Inferno de Dante. Por um lado, a peça representa a onça, o leão e a loba com que Dante se depara logo no início da travessia e que o fazem descer, empurrando-o para "o vale escuro, aquele lugar onde a luz do sol não entra".

Por outro lado, estas feras podem relacionar-se com dois Círculos já dentro do vale escuro do Inferno:

- o Quinto Círculo - onde estão os acusados de Ira, torturando-se no lago Estige numa raiva sem fim - e
- o Sétimo Círculo - onde os violentos contra pessoas e seus bens estão mergulhados num rio de sangue fervente, o sangue dos que oprimiram.

• Portal Azul Escuro | Círculo da Traição

Ana Torrie

Porque te escondes nos
arbustos negros?



- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto XXXIV (12, 28)
- Conto tradicional "Branca-Flor", de Ana de Castro Osório.

Associada a este portal temos a obra "Porque te escondes nos arbustos negros?", pergunta que nos traz à memória a interpelação de Deus a Adão e Eva no Jardim do Éden, levando-nos a associar esta peça ao Nono Círculo do Inferno, o do pecado mais grave e profundo, o da Traição.

É aqui que reside Lúcifer, o maior dos traidores, que renegou Deus depois deste ter criado o Homem e de o ter dotado de liberdade, facto que o Demo nunca aceitou.

- Portal Cinza e Portal Preto | Orgulho - Livro do Purgatório

<p>Ana Torrie Memórias Póstumas</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • "A Divina Comédia : O Purgatório", de Dante Alighieri - Canto XII (5-6). • Conto "A praia", de Mário-Henrique Leiria.
<p>Ana Torrie Abismo</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • "A Divina Comédia : O Purgatório", de Dante Alighieri - Canto XII (5-6). • Mito de Ceres e Perséfone. • Excerto do poema "La Maison Natale", de Yves Bonnefoy.

Reunimos as peças "Memórias Póstumas" (Portal Cinza) e "Abismo" (Portal Preto) num mesmo veneno: o orgulho. Os orgulhosos já não estão no Inferno, expiam o seu pecado no Purgatório, e por isso deixámos estes dois portais para o final do livro.

No Canto XII do livro do Purgatório, Dante sente o peso do orgulho na sua própria alma e, não conseguindo levantar o olhar, é forçado a caminhar de cabeça baixa, fixando as imagens esculpidas nas pedras do chão.

Esta passagem parece-nos ter uma correlação muito direta com a peça de Ana Torrie "Memórias Póstumas", em que uma figura sentada olha a sua própria cabeça que segura nas mãos, e o mito de Narciso.

Mirando-se incessantemente no lago que reflete a sua imagem, Narciso perde-se no abismo de si mesmo - o que nos leva à segunda peça de Ana Torrie, o "Abismo", cuja íntima ligação com a primeira obra se pode descobrir nas palavras de Nietzsche: "Quando olhamos muito tempo para o abismo, o abismo olha-nos de volta".



Elegemos a Esperança como antídoto do desespero, pois se este último impossibilita o que está por vir, a Esperança é a atitude espiritual que nos eleva acima do presente, confiando que a realidade carrega consigo o futuro (Han, 2024).

A travessia do Inferno está, pela própria natureza do movimento, carregada de Esperança. Com efeito, como afirma Byung-Chui Han (2014), a Esperança é um movimento de procura, que dá sentido e orientação para avançar, libertando-nos do desespero coletivo e de padrões destrutivos internos, trazendo significado e propósito ao mundo.

A necessidade deste movimento de procura atravessa os textos das obras escolhidas para esta antologia:

- a advertência de "Os sapatinhos vermelhos" para o perigo de nos deixarmos aprisionar em sapatos que não fomos nós que fizemos;
- o conto tradicional de Macau sobre o poder de renunciar a comer tudo o que se tem (mesmo que seja muito pouco), para transformar o que sobra num projeto novo;
- a interrogação de William Blake sobre a permissividade de Deus em relação ao mal;

- a coragem da última mulher de Barba Azul ao abrir a sétima porta;
- o ódio do Demónio em Branca-Flor;
- a evocação do mito de Narciso por Mário Henrique-Leiria no conto "A praia";
- o excerto do poema de Bonnefoy sobre o episódio em que Hécuba dá de beber a Ceres do jarro da Esperança.

Possa o conjunto destes textos fornecer chaves para decifrar o mapa da travessia do Inferno e, com Dante, podemos dizer (Canto XXXIV, 46-47, "A Divina Comédia : o Inferno"):

"Fomos saindo, ele de mim seguido,
Até que eu divisei por um redondo,
Enfim!, quanto de belo o céu remove.

Saindo ali, revimos as estrelas."

Bibliografia:

CAMPO, Cristina - The Unforgivable : and Other Writings.
New York: NYRB Classics, 2024.

Han, Byung-Chul - The Spirit of Hope. Trans. Daniel
Steuer. Cambridge: Polity Press, 2024.

LISBOA, Maria Manuel - Essays on Paula Rego : smile when
you think about hell. Cambridge: Open Book Publishers,
2019.

Nota: Os excertos das obras trabalhadas em oficina
apresentam-se dactiloscritos.

Círculo da Luxúria

- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto V (14,15,17).
- Conto "Os sapatinhos vermelhos", de Hans Christian Andersen.

A DIVINA COMÉDIA : O INFERNO

CANTO V

I4

Tal como ao estorninho leva a asa,
Por tempo frio, em bando largo, denso,
Assim aos condenados faz o vento:

I5

Arrebata-os daqui, dali, d'alem;
Nenhuma esp'rança já mais os conforta,
Não de repouso mas de menor pena.

I7

As sombras que arrastava o turbilhão,
"Mestre meu", perguntei, que almas são estas
A quem o negro vento assim castiga?"

Dante Alighieri

OS SAPATINHOS VERMELHOS

Quando ela queria voltar para a direita, os sapatos dançavam para o lado esquerdo; quando queria ir para um dos extremos da sala os sapatos levavam-na para o outro.

Levaram-na a dançar escada abaixo, depois pelas ruas e, finalmente, através dos portões da cidade.

E ela dançou, dançou, pois não podia fazer outra coisa, até chegar à densa floresta.

Cheia de terror, Karen tentou sacudir os sapatos vermelhos, mas eles mantinham-se-lhe colados aos pés. Rasgou as meias, mas os sapatos continuavam a dançar e ela continuou também, pois não podia fazer outra coisa, por campos e prados, ao sol e à chuva, de dia e de noite.

in "Os mais belos contos de fadas", de Han Christian Andersen



Colagem de Helena Patrício

Círculo da Gula

- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto VI (12,13,18).
- Conto tradicional de Macau "As mãos de Lam Seng".

A DIVINA COMÉDIA : O INFERNO

CANTO VI

I2

Entre sombras passávamos, da chuva
Derrubadas; poisávamos os pés
Nos corpos que eram delas a aparência.

I3

Todas, deitadas, jaziam por terra;
Uma só, ao nos ver passar por ela,
O corpo ergueu até ficar sentada.

I8

Vós me chamastes, Florentinos, Ciacco:
Pela danada culpa de alta gula
Sob a chuva me arrasto, como vês.

Dante Alighieri

AS MÃOS DE LAM SENG

Era um tempo de grandes dificuldades. Pestes, inundações, tempestades. Os deuses estavam muito descontentes com os mortais.

Liu Shih não parava de se lastimar:

- Que vai ser de mim? Hoje tenho esta tigela de arroz para comer. Mas quando o arroz acabar?

Cada vez era maior a fúria do vento e das águas e cada vez Liu Shih se lastimava mais. Foi então que se ouviu a voz do Senhor do Trovão:

- Se comeres já todo esse arroz nunca poderás ter arroz para comeres duas vezes por dia.

A casa abanou toda e Liu Shih percebeu que tinha recebido um recado dos deuses. E que os deuses não gostavam de o ouvir lastimar-se tanto. Olhou para a tigela de arroz e ficou a pensar nas palavras do Senhor do Trovão. A fome era muita, mas guardou metade do arroz que havia na tigela.

Quase sem dar por isso as suas mãos começaram a amassar a metade de arroz que não comera. Em breve ele se transformou numa massa compacta, gelatinosa. Durante toda a noite os seus

dedos fizeram surgir figuras, rostos de gente, no que tinha sido apenas uma massa informe de arroz.

Na manhã seguinte o vento parara. A chuva deixara de cair. A tempestade terminara.

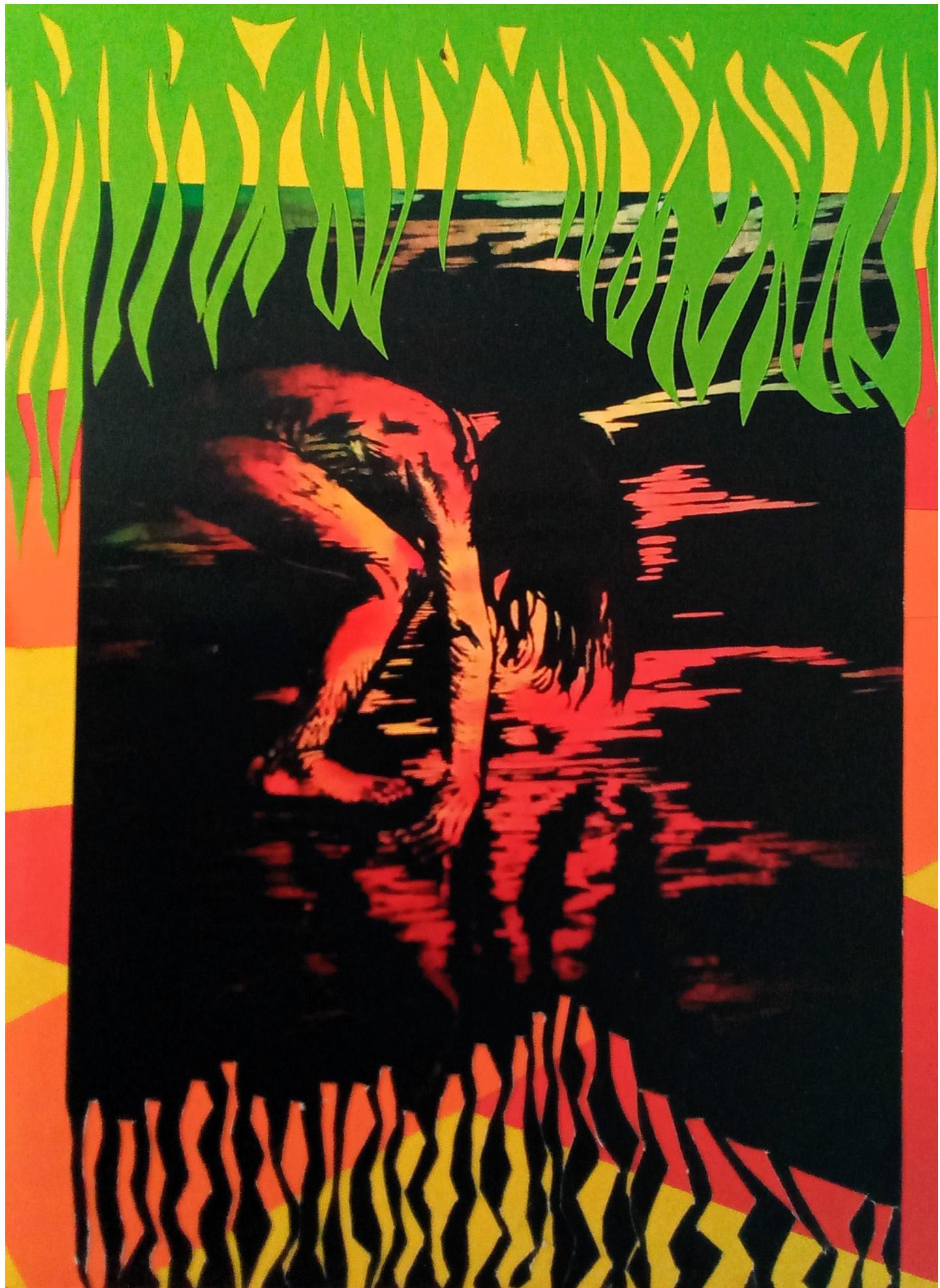
Liu Shih olhou para todos aqueles pequenos bonecos que fizera da metade de farinha de arroz que não comera e lembrou-se das palavras do Senhor do Trovão.

Então foi buscar um saco e nele meteu, com grande cuidado, os bonequinhos de massa.

- Vou à aldeia vendê-los.

Quando chegou ao mercado e começou a tirar do saco aquelas figurinhas tão bem modeladas, logo as pessoas se foram juntando à sua volta.

in "Contos e lendas de Macau", de
Alice Vieira



Colagem de Rita Ruivo

Círculos da Ira e da Violência contra o Próximo

- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto I (11-12,15-18).
- Poema "O tigre", de William Blake.
- Conto tradicional "O Barba Azul", de Charles Perrault.

A DIVINA COMÉDIA : O INFERNO

CANTO I

II

Porém, mal iniciada aquela encosta,
eis que se me depara ágil onça
De malhas todo o corpo recoberto.

I2

De tanto em minha frente se quedar,
De tanto o meu avanço me tolher,
Atrás voltar por vezes me tentou.

I5

Dele mal eu julguei não me chegara.
Porém não tanto que afastasse o medo
Quando deram meus olhos co'um leão.

I6

Contra mim me parecia ele investir,
Testa erguida e de fome tão feroz
Que, penso, ao próprio ar medo infundia.

I7

Foi depois uma loba que, de magra,
Parecia acoitar fome e mais fome.
E a vasto mundo já miséria dera.

I8

Foi tanto o pasmo que ela me inspirou
Só de vê-la, que esp'rança foi perdida.
Por mim, de aos altos cimos já subir.

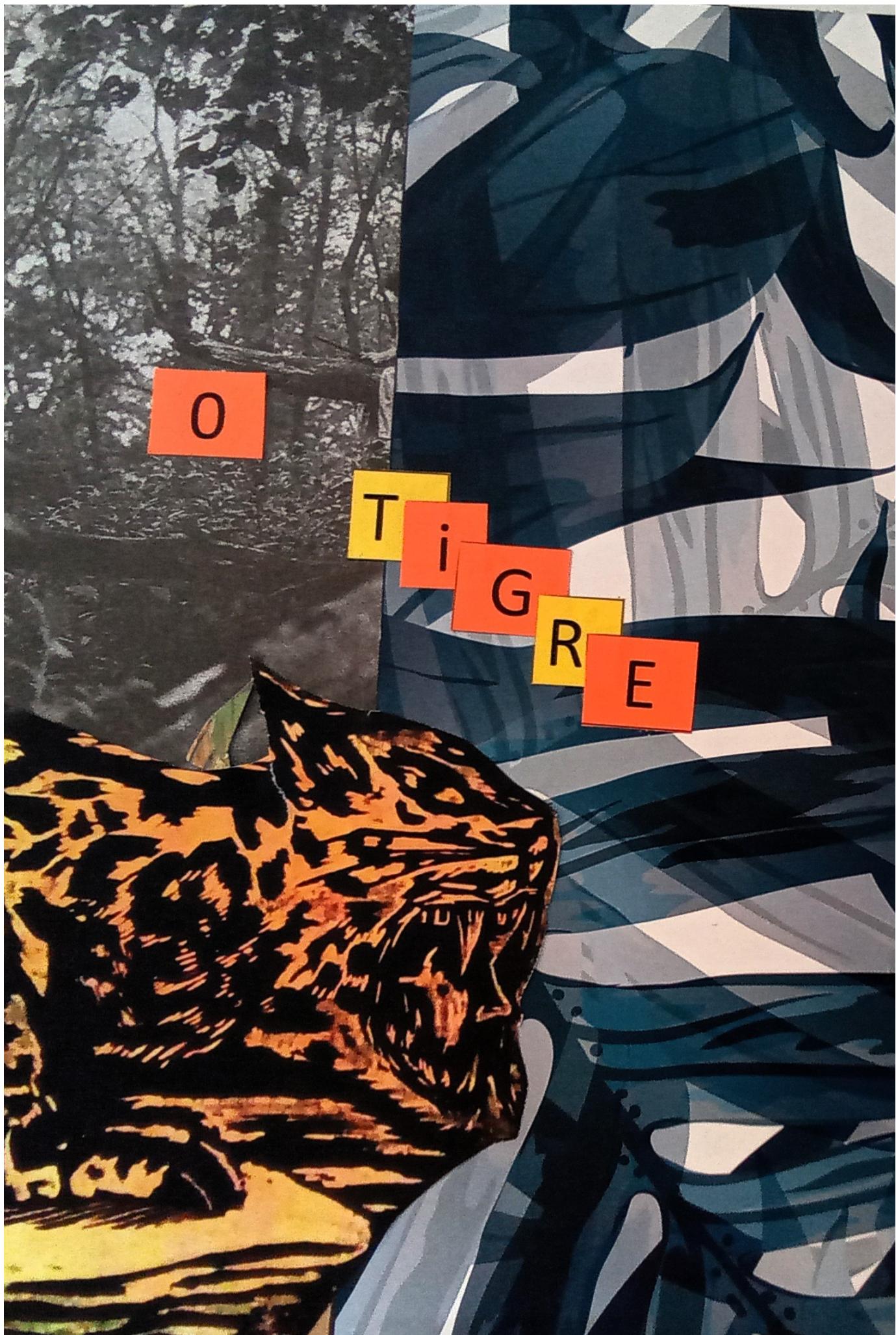
Dante Alighieri

O TIGRE

Tigre, tigre, brilho em brasa,
Que a floresta à noite abrasa!
Que olho eterno ou mão podia
Forjar-te a fera simetria?

Quando estrelas dardejaram
E com seu pranto os céus molharam,
Sorriu vendo a obra ali?
Quem fez o anho fez-te a ti?

in "Canções de Inocência e de
Experiência", de William Blake



Colagem de Isabel Lança

O BARBA AZUL

Ao chegar junto do armário hesitou durante algum tempo, pensando nas ordens do marido. Mas a tentação era forte e ela não pôde dominá-la.

Pegou na pequena chave e abriu a porta, tremendo.

A princípio não conseguia distinguir nada, pois as persianas das janelas estavam fechadas. Após alguns momentos percebeu que à sua frente se encontrava o chão, coberto de manchas de sangue, em que jaziam os corpos de várias mulheres.

Eram as mulheres que o Barba Azul tinha despossado e assassinado, uma após outra.

Pensou que ia morrer de medo, e a chave, que tinha retirado da fechadura, caiu-lhe da mão. Observou então que a chave ficara manchada de sangue, tentou duas ou três vezes limpá-la. Em vão a lavou e mesmo esfregou com sabão e areia - o sangue permanecia.

in "Os mais belos contos de fadas",
de Charles Perrault



Colagem de Isabel Lança

Círculo da Traição

- "A Divina Comédia : O Inferno", de Dante Alighieri - Canto XXXIV (12,28).
- Conto tradicional "Branca-Flor", de Ana de Castro Osório.

A DIVINA COMÉDIA : O INFERNO

CANTO XXXIV

I2

Que outrora belo foi como ora é feio,
Se contra Deus a fronte alçou, bem justo
É que seja de todo o mal a causa.

28

Por exausto ofegante, o mestre disse-me:
"Estes degraus - firma-te bem! - nos levam
P'ra fora do lugar que o mal domina."

Dante Alighieri

BRANCA-FLOR

E disse Branca-Flor muito baixinho, para o Príncipe:

- Olha que ele quer-nos matar logo que nos saiba a dormir e então precisamos de fugir. Vai à estrebaria e encontrarás lá três cavalos: o mais gordo e bonito é o Tempo, não lhe toques porque é tão vagoroso que para nada nos serviria, o segundo é o Vento, e o terceiro, magro e feio, é o Pensamento. Esse é que hás-de trazer.

D. Pedro levantou-se de manso e foi à estrebaria, mas vendo o cavalo Pensamento tão magro e o Vento muito alegre e bonito, foi este o que trouxe, apesar da recomendação de Branca-Flor.

Ela fica afilita, mas não havia tempo a perder. Levantou-se muito devagarinho, cuspiu na travessa e partiram.

De quando em quando tornava o Demónio:

- Branca-Flor!...

E o cuspo respondia:

- Senhor!...

- Dorme e descansa.

Quando o cuspo secou, deixou de responder e então vai o Demónio, com uma grande moca de ferro, bateu sobre a cama até partir tudo. Depois foi deitar-se muito satisfeito, imaginando ter morto o Príncipe e Branca-Flor.

in "Branca-Flor e outras histórias",
de Ana de Castro Osório

Collagem de Joana Santos



Orgulho

- "A Divina Comédia : O Purgatório", de Dante Alighieri - Canto XII (5-6).
- Conto "A Praia", de Mário Henrique-Leiria.
- Mito de Ceres e Perséfone.
- Poema "La Maison Natale", de Yves Bonnefoy.

A DIVINA COMÉDIA : O PURGATÓRIO

CANTO XII

5

E disse o mestre: "Baixa o teu olhar,
Convém tornar serena a tua via
Vendo as imagens postas neste chão."

6

Como para guardar sua memória
As campas rasas sobre os sepultados
têm gravada a sua antiga imagem.

Dante Alighieri

A PRAIA

Continuou a andar, devagar, olhando as pedras da beira da estrada, pensando vagamente no passar do tempo.

Começou a descer o carreiro em direcção à praia, lá em baixo.

Foi caminhando pela praia deserta, com aquela dificuldade teimosa que dá a areia seca e solta.

Aproximou-se mais da beira-mar. Parou um pouco e ficou a olhar o mar repetitivo que ia e vinha, sempre. Continuava a pensar no tempo que também estava indo e vindo à sua volta. Quase no fim da praia sentou-se com extremo cuidado e algum cansaço, numa pedra larga e confortável.

Depois notou uma figura que, lenta, começava a descer o carreiro. A figura começou a avançar na sua direcção, aproximou-se da beira-mar. Parou e assim ficou algum tempo.

Então viu-a com nitidez. Viu-se, caminhando pela praia, em direcção a si.

in "Novos contos do gin", de
Mário-Henrique Leiria



Colagem de Dina Duque

MITO DE PERSEFONE

Como o exílio voluntário de Deméter tornasse a terra estéril e isso perturbasse a ordem do mundo, Zeus decidiu entregar-lhe a filha. Foi, pois, procurar Hades e ordenou-lhe que restituísse Perséfone.

Mas isso não era possível. Com efeito, a jovem tinha interrompido o jejum e, no jardim do rei dos Infernos, tinha comido um bago de romã, ligando-se definitivamente ao mundo infernal.

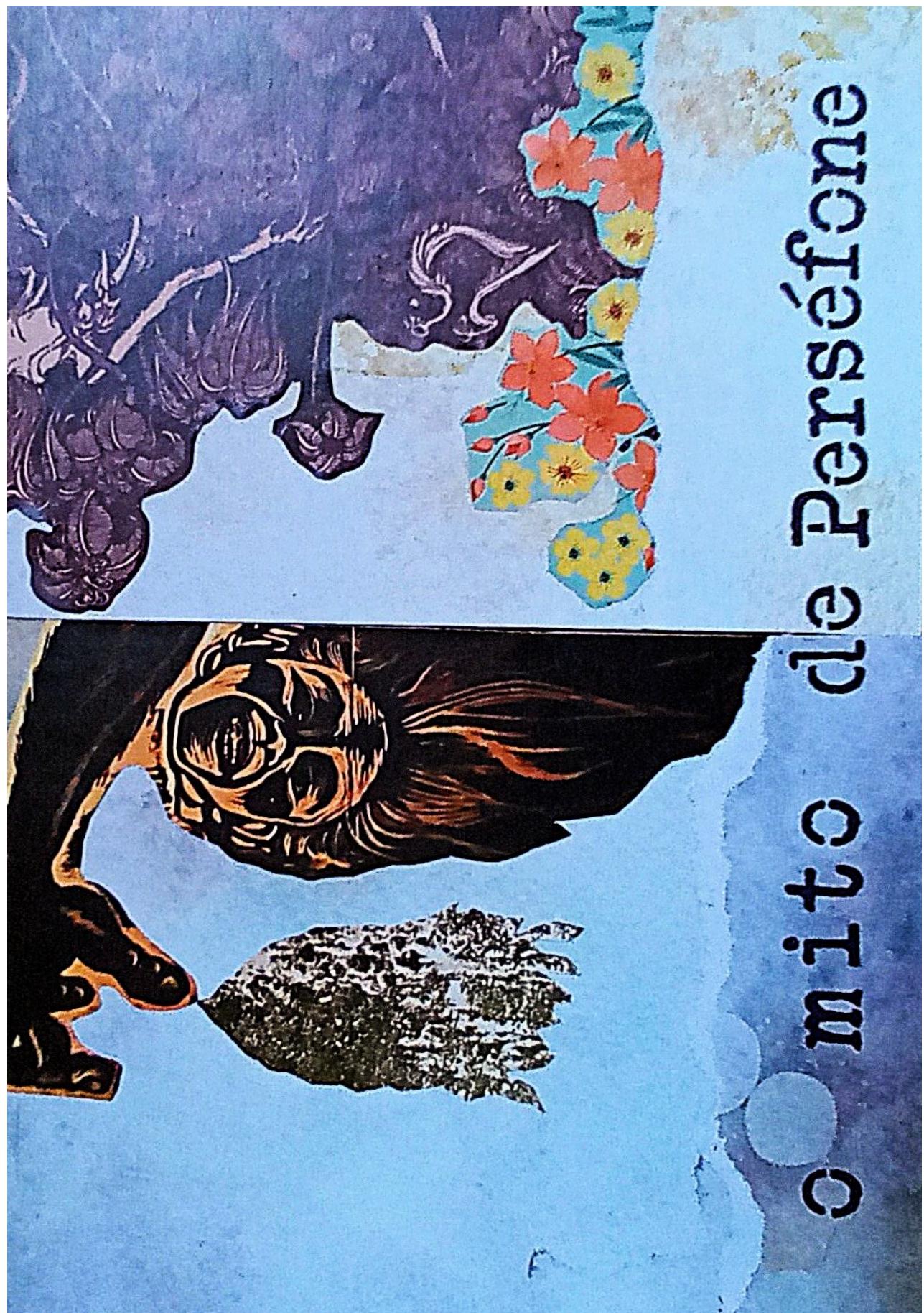
Foi preciso chegar a um acordo.

Deméter retomaria o seu lugar no Olimpo e Perséfone partilharia o seu tempo entre ela e os Infernos.

É assim que todas as Primaveras se escapa do mundo subterrâneo e sobe até à luz com os primeiros rebentos que saem do solo, refugiando-se de novo entre as sombras no momento das sementeiras. Enquanto ela está separada de Deméter, o solo fica estéril e essa é a triste estação do Inverno.

in "A mitologia grega", de Pierre Grimal

Colagem de Teresa Lança



Je comprends maintenant que ce fût Cérès
Qui me parut, de nuit, chercher refuge
Quand on frappait à la porte, et dehors,
C'était d'un coup sa beauté, sa lumière
Et son désir aussi, son besoin de boire
Avidement au bol de l'espérance
(...)

Et pitié pour Cérès et non moquerie,
Rendez-vous à des carrefours dans la nuit profonde,
Cris d'appels au travers des mots, même sans réponse,
Parole même obscure mais qui puisse
Aimer enfin Cérès qui cherche et souffre.

Yves Bonnefoy

Exemplar ____/200

